

“REVISTA ÁLBUM DAS MENINAS”: LITERATURA INFANTIL E JOVIAL PARA EDUCAR A MOCIDADE BRASILEIRA

“GIRLS ALBUM MAGAZINE”: CHILDREN’S AND JUVENILE LITERATURE TO EDUCATE THE BRAZILIAN YOUTH

Maria Celi Chaves Vasconcelos 1
Luciana Borges Patroclo 2

Resumo: O artigo é dedicado à análise do periódico *Álbum das Meninas*: revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras, publicação idealizada por Anália Franco (1853 – 1919), professora formada pela Escola Normal em São Paulo, onde exerceu o magistério, colaborou com a imprensa feminina e fundou instituições como a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (AFBI). O objetivo central do estudo é analisar o ideal de educação da infância feminina, contido nas páginas da Revista, examinada como patrimônio educativo material que identifica e traz consigo marcas de uma época. Em um plano mais específico pretende-se verificar a arte visual da publicação e seus recursos para atrair as jovens leitoras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, histórico documental, baseada no estudo da memória de um patrimônio educativo singular em sua aspiração de educar às mulheres desde a infância. As edições pesquisadas pertencem aos acervos digitalizados do Arquivo Público do Estado de São Paulo e da página História da Educação e da Infância coordenada pelo Prof. Moysés Kuhlmann Jr. Conclui-se que a criação da Revista *Álbum das Meninas*, em circulação de 1898 a 1901, estava envolta à defesa da educação feminina de qualidade, desde a infância, tendo a instrução como um fator emancipatório da mulher, mas também de aprimoramento dos papéis sociais de irmã, filha, mãe e esposa.

Palavras-chave: *Álbum das Meninas*. Anália Franco. Revista Infantil. Educação Feminina.

Abstract: *Girls Album*: magazine literary and educational dedicated to Brazilian youth, ideated by Anália Franco (1853 – 1919), teacher graduated by Teacher Training College at São Paulo city, where she taught, collaborated with the female press, and founded institutions such as the Women’s Beneficent and Instructive Association. The main goal of the present research is to study the ideal of female childhood education inside the magazine pages, treated as a material scholar heritage that identifies and brings traces of a past time. On a more specific level, the aim is to verify the visual art of the publication and its resources to attract young female readers. Its qualitative research relied on historical documents, based on the memory study of a unique educational heritage and its aspiration to educate women since childhood. The editions investigated belong to digitized collections from the Public Archive of the State of São Paulo and the webpage History of Education and Childhood coordinated by Prof. Moysés Kuhlmann Jr. The conclusion is that the creation of the magazine *Girls Album*, in circulation from 1898 to 1901, was involved a defense of the quality of female education, since childhood, with education taken as an emancipatory factor for women, but also as a factor to improve sister, daughter, mother, and wife social roles. **Keywords:** *Girls Album*. Anália Franco. Children Magazine. Girls Education.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – (UERJ), Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Professora Titular da Faculdade de Educação, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação – (Proped/UERJ). Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – (CNPq) e Bolsista do Programa Cientista do Nosso Estado – (FAPERJ). Prócientista UERJ. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9511377122315447> Link ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3624-4854> E-mail: maria2.celi@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – (UERJ), Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Pós Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – (Proped/UERJ). Professora Auxiliar I da Graduação em Pedagogia na Universidade Estácio de Sá (UNESA). Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4982044274411776> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4787-0762> E-mail: lupatroclo@yahoo.com.br

Introdução

Seria superfluo por em relevo as vantagens d'uma publicação que possa ser um remédio efficaz contra o estiolamento moral que nos vae produzindo a litteratura dos nossos dias [...] Foi por isso que resolvi a fazer uso da imprensa para dar á publicidade desta modesta revista intitulada "O Album das Meninas" expedendo minhas ideias sobre educação, e procurando traduzir, e mesmo transcrever tudo quanto os espiritos mais esclarecidos teem escripto sobre este assumpto. Ao tomar sobre os meus hombros esta tarefa de tão magno alcance, não consultei minhas forças, nem a incompetencia que em mim reconheço para todas as cousas; mas tão somente a convicção que tenho na Providencia Divina, ao amor que consagro ás creanças, ao desejo ardente que tenho de vel-as bem dirigidas e fortalecidas e fortalecidas para as provas e os combates da vida (p.3).

O trecho acima pertence ao editorial inaugural do *Álbum das Meninas*: revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras. Publicado em 30 de abril de 1898, o artigo intitulado *As Mães e Educadores* demonstra as angústias e as preocupações da professora e filantropa Anália Emília Franco acerca da formação moral e instrucional das meninas brasileiras. No decorrer das três páginas desse primeiro exemplar, a proprietária e editora do *Álbum das Meninas* clama à participação das mães e dos educadores na "santa cruzada" contra a "decadência dos costumes" e a "indiferença e desequilíbrio moral da educação" (p.1). Os destinatários do artigo são cobrados a reunir "[...] esforços da fraternidade para por em prática o princípio da associação sem a qual os esforços isolados serão sempre nullos" (p.1).

Em consonância à definição de Velloso (2006), na qual os editoriais se configuram como manifestos, o escrito de Anália Franco apresenta a defesa enfática de um modelo educacional feminino centrado na formação do intelecto e do espírito, tendo como princípios basilares: "a ordem, o trabalho, a noção exacta do dever, o verdadeiro amor da pátria, a compreensão da vida humana como um destino elevado e sério e sobretudo fazer-lhe conhecer o bem absoluto [...]" (FRANCO, 30/04/1898, p.2). A leitura do primeiro editorial já aponta indícios do modo como os conteúdos e as diretrizes formativas sobre a educação feminina iriam ser tratados no restante das edições do *Álbum das Meninas*.

O direcionamento do editorial às mães e aos educadores não é aleatório. A figura materna é identificada como a primeira mestra dos filhos e filhas e responsável por sua formação moral (VASCONCELOS, 2010). Aos educadores cabia a missão de garantir o desenvolvimento intelectual das crianças. O artigo, além de descrever a motivação para o lançamento do *Álbum das Meninas*, também se configurou como um recurso para angariar simpatia à causa defendida (VELLOSO, 2006).

A publicação, que esteve em circulação de 1898 a 1901, é apresentada como instrumento de complementação aos ensinamentos escolares. Era preciso garantir que ao chegar em casa, as meninas e as jovens pudessem continuar a serem instruídas. Apenas desse modo haveria a garantia de que "a educação e a instrução elementares" seriam "verdadeiramente proficuas" (FRANCO, 30/04/1898, p.2).

Nessa perspectiva, o objetivo central desse artigo é analisar o ideal de educação da infância e da juventude feminina, contido nas páginas da Revista *Álbum das Meninas*, examinada como patrimônio educativo material, que identifica e traz consigo marcas de uma época. Em um plano mais específico pretende-se verificar a arte visual da publicação e seus recursos para atrair as leitoras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, histórico documental, baseada no estudo da memória de um patrimônio educativo singular em sua aspiração de educar as mulheres desde a infância. As edições pesquisadas pertencem aos acervos digitalizados do Arquivo Público do Estado de São Paulo e do

site da web História da Educação e da Infância coordenado pelo professor Moysés Kuhlmann Jr.

Além disso, buscamos nortear a análise dos artigos contidos na Revista *Álbum das Meninas*, por meio das seguintes questões: *De que forma os temas eram apresentados às leitoras? Quais os recursos utilizados para tornar os conteúdos atrativos? O conjunto dos exemplares manteve a linha editorial presente na edição de lançamento?* Para tanto, dividimos o artigo em quatro seções, nas quais, inicialmente, é enfocada a trajetória da proprietária e editora da Revista, Anália Franco; a seguir, é abordada a situação da infância feminina e suas possibilidades de leitura; em um terceiro tópico é evidenciada a materialidade do periódico como patrimônio educativo, além da apresentação de um levantamento dos artigos de Anália Franco e de seus colaboradores, por meio de quadros sintéticos; e finalizamos o texto com as ideias da articulista sobre a educação feminina, compartilhadas com outras renomadas autoras da mesma época.

Cabe ressaltar que o estudo da Revista *Álbum das Meninas* como patrimônio educativo que evidencia as concepções de educação feminina que atravessaram o século XIX e chegaram ao XX, corrobora o que sinalizam Álvarez Domínguez, Martínez-Valcárcel e García-Marín, quando afirmam o *“valor del patrimonio como un recurso de importante alcance social y cultural, en el sentido de que constituye una expresión de la identidad de un país”* (2017, p.203).

A benemérita proprietária do *Álbum das Meninas*: Anália Franco

O emprego do adjetivo *benemérita* está vinculado a leitura do obituário de Anália Emília Franco publicado no jornal *Correio Paulistano*, em 21 de janeiro de 1919. A educadora havia falecido no dia anterior, em decorrência da gripe espanhola. Intitulado *D. Analia Franco*, o necrológico a descreve como uma mulher de ilibada reputação e devotada à causa das mulheres e das crianças desvalidas:

Finou-se hontem, nesta capital ás 12 horas, a sra. d. Ana Franco, directora da Associação Feminina Beneficente e Instructiva do Estado de S. Paulo. A infancia desvalida, não sómente da capital, mas de todo o interior, perde com o transpasse da benemerita senhora, uma das suas maiores protectoras [...]. O desaparecimento de d. Analia Franco nem por isso deixa de constituir, porém, um golpe profundo na generosa iniciativa feminina. Ella era, ao mesmo tempo, o cerebro creador e o braço executor das idéias, que se arrojava em iniciativas gigantescas e as ia levando avante, embora dificuldades surgissem, algumas vezes, á sua frente. Foi uma batalhadora energica e intelligente. Por isso mesmo, deixa ás continuadoras do seu trabalho uma obra erigida sobre alicerces duradouros e já conta a sympathia e a admiração geral. A morte da virtuosa senhora vai ecoar tristemente por toda a parte, porque ninguém desconhecia o beneficio que ella vinha prestando, como mãe prodiga, a milhares de crianças desprotegidas. Essas pequeninas chorarão para sempre o desaparecimento da sua grande **benfeitora**. Entre as flores que a generosa senhora receberá, como ultima homenagem, dessas crianças terão, sem dúvida, a maior significação e valia (p.2).

O texto em homenagem à Anália Emília Franco destaca o prestígio que gozava junto à sociedade paulista, entretanto, ela nasceu em Resende, município, então, pertencente à Província do Rio de Janeiro, no dia 1º de fevereiro de 1853. Segundo Monteiro (1992) os pais, Antônio Marianno Franco Júnior e Thereza Emília Franco, casaram-se na Igreja Matriz Resendense, em 20 de abril de 1852. Não eram naturais da localidade, ele era natural de Mogi das Cruzes (SP) e ela de Vila Nossa Senhora do Ó (PE). Além de Anália Franco, o casal teve mais dois filhos, seus irmãos Antônio Marianno Franco e Ambrosina Franco.

A narrativa jornalística auxilia também na identificação do percurso biográfico de Anália Franco. A mãe era professora e foi a sua primeira mestra. Em 1861, aos oito anos de idade, mudou-se com a família para a Província de São Paulo (MONTEIRO, 1992). Em terras paulistas continuou os estudos na escola em que a mãe trabalhava e, após concluí-los, aos 16 anos, tornou-se mestra. No ano de 1872 foi aprovada em concurso para o cargo de professora pública (REZZUTTI, 2018).

As edições do Correio Paulistano e do Diário de São Paulo trazem, ainda, informações sobre o percurso docente de Anália Franco por diferentes localidades paulistas. Em 1874 foi nomeada professora pública em Guaratinguetá (CORREIO PAULISTANO, 01/08/1874, p.2). No ano seguinte conseguiu transferência para Jacareí (CORREIO PAULISTANO, 14/04/1875, p.2). No ano de 1877 conseguiu autorização da Inspeção Geral de Instrução Pública para cursar a Escola Normal de São Paulo (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 08/03/1877, p.1), formando-se em 1878.

Em 1880, pede exoneração como professora pública em Jacareí (CORREIO PAULISTANO, 23/04/1880, p.2), e, cinco anos mais tarde, foi nomeada para a “cadeira pública” na Vila de Cotia (CORREIO PAULISTANO, 27/05/1885, p.2). Em 1887 já é registrada a sua atuação em Taubaté (CORREIO PAULISTANO, 05/10/1887, p.1). Esse último período também é marcado pelo pedido de diversas licenças médicas (CORREIO PAULISTANO, 24/08/1887, p.1), que podem ser explicadas em um artigo reproduzido por Monteiro (1992), intitulado Uma Saudação e publicado na revista feminina A Mensageira, em 31 de março de 1898, no qual a professora afirmava ter sofrido com sérios problemas de visão.

Em 1898, ano de lançamento do Álbum das Meninas, Anália Franco atuava na escola feminina do 8º distrito da capital paulista, localizada no Largo do Arouche, n. 58 (CORREIO PAULISTANO, 27/07/1898, p.2). Nesse mesmo espaço foi inaugurado, em 1892, o Liceu Feminino Noturno (CORREIO PAULISTANO, 25/01/1902, p.3). Acerca da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva do Estado de São Paulo (AFBI), fundada em 1901 e sua obra filantrópica mais conhecida, Rezzutti (2018) descreve a rápida expansão do projeto. A partir dela, Anália Franco comandou a criação de escolas maternas, creches, escolas noturnas e asilos para menores. Desenvolveu oficinas “tipográficas, de costura, de flores artificiais e de criação de chapéus” (Idem, p.81). Além disso, a iniciativa filantrópica se expandiu para outros estados como Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Com as obras educacionais e filantrópicas consolidadas e em expansão, Anália Franco parece voltar-se para a sua vida pessoal, e, em 1906, já com 53 anos, o que era bastante incomum para um primeiro matrimônio na época, casou-se com o espírita Francisco Antônio Bastos.

Para além do Álbum das Meninas, Anália Franco foi colaboradora de importantes jornais femininos, entre eles: *Echo das Damas*, de Amélia Carolina da Silva Couto, *A Família*, de Josephina Alvares de Azevedo, e *A Mensageira*, de Presciliana Duarte de Almeida. Também foi autora de poemas, livros, manuais, textos teatrais e fundadora do *Elenco Dramático e Musical*. Dentre suas produções estão: *A égide materna*, *Manual para as creches*, *Noções de geografia elementar*, *Brevíssimo resumo de aritmética*, *Primeiras lições para escolas maternas*, *As preleções de Jesus* e *Habilitação à existência das sessões de espiritismo* (REZZUTTI, 2018, p.81-82).

Para alguém que nasceu durante o segundo reinado, em plena metade do século XIX, Anália Franco, em seus 65 anos realizou projetos e obras inconcebíveis para a maioria de suas contemporâneas. Contudo, seu pensamento se expressou de maneira mais enfática na revista que criou para auxiliar na educação de suas compatriotas, particularmente, com conselhos e ensinamentos direcionados à infância e à juventude feminina.

Álbum das Meninas: escritos dedicados à educação da infância feminina

A edição do Álbum das Meninas de 31 de julho de 1898, trazia o artigo *As Minhas Patricias*. Mais uma vez, Anália Franco direcionava seus escritos às mães e às professoras. O texto expunha que as crianças, principalmente as pertencentes às classes menos abastadas, estavam relegadas à própria sorte. A autora descrevia o seu incômodo ao constatar o fato de que muitas parcelas da infância nacional não tinham acesso à instrução. Tal circunstância faria com que ao invés do trabalho honesto e da governança do lar, meninos e meninas tivessem pela frente um futuro marcado pelos vícios. Nessa perspectiva, ressaltava, novamente, a função do Álbum *das Meninas* em preencher o

vazio presente no cenário educacional:

Quando impressionada ao ver tantas infelizes crianças abandonadas á ignorância e vagabundagem, sem educação moral e religiosa, sem instrucción obrigatória e profissional, emprehendi a fundação d'esta modesta revista ÁLBUM DAS MENINAS, que traduz apenas uma convicção e uma fé, visto reflectir mal formulado embora, um sonho de justiça e de verdade, tinha a certeza de que o meu empenho não seria de todo inútil. E não foi (p.73).

No mesmo editorial, Anália Franco fazia um apelo ao sexo feminino para que cumprisse com uma de suas aptidões naturais: o cuidado com o outro.

E' por conseguinte a esses a quem me dirijo e chamo em meu auxilio. Sim, urge que nos esforcemos em por em pratica o salutar principio de associação, que seja de meio de nós, ó pães que amais aos vossos filhos, ó professoras que vos interessais pela sorte dos vossos alumnos, é indispensável que se inicie a realização d'essa prodigiosa alavanca dos tempos modernos, em prol d'uma causa commum que é a causa principal da nação brasileira: a da educação e do trabalho de seus filhos. [...] Quão feliz se não dará a auctora destas linhas se pudesse despertar os ânimos e estimular as vontades de tantas mães de tantas professoras, para que trabalhassem todas na propaganda benéfica das associações em prol do progresso moral e material da infância! Si assim o fizermos provaremos que desejamos encaminhar o progresso de nossa pátria, porque sabemos comprehender a sublimidade de nossa missão que é o ponto capital a que intimamente se prendem os mais santos os mais graves, e os mais imperiosos de todos os nossos deveres (p.73-75).

A consternação de Anália Franco acerca da situação das crianças desvalidas – “valerão ellas menos do que os animaes?” (FRANCO, 31/07/1898, p.74) – encontrava ressonância entre grupos de intelectuais engajados no debate da causa da infância nacional.

O lançamento do Álbum das Meninas estava imerso nas ações dessa intelectualidade brasileira, voltada também para a necessidade de existência de uma literatura infantil eminentemente nacional. As últimas décadas do século XIX tinham sido marcadas por críticas aos conteúdos e as ilustrações presentes nos livros destinados à infância brasileira. Havia a percepção de que os assuntos presentes nessas publicações não tratavam de temáticas afeitas à realidade nacional. Considerava-se que as obras traduzidas, principalmente de Portugal, não eram classificadas de forma adequada e acabavam por ser direcionadas aos pequenos leitores, quando não eram correspondentes aos interesses deste público (ARROYO, 1990). Em grande parte do século XIX, a única literatura infantil à disposição era constituída por traduções, feitas de clássicos da literatura europeia, por intelectuais nacionais. Entre as compilações de maior sucesso estavam *Contos da Carochinha* (1894) e *Histórias da Avozinha* (1896), que pertenciam à coleção *Biblioteca Infantil* lançada pela Livraria Quaresma :

Quaresma também merece ser mencionado pela revolução que fez no Brasil, no campo das edições para crianças. Na época, a maior parte da literatura infantil e praticamente todos os livros para as crianças menores vinham de Portugal; e mesmo a pequena parte produzida no Brasil ainda, seguia na linguagem, os usos da pátria-mãe. A criança não apenas confundia as palavras e o estilo grotesco desses livros,

como frequentemente, tinha dificuldade até mesmo para compreendê-los. Quaresma contratou o jornalista Alberto Figueiredo Pimentel para produzir toda uma coleção de livros infantis escritos em português do Brasil. [...] Os tradicionalistas mostraram-se horrorizados, mas a inovação garantiu a Quaresma o virtual monopólio do mercado de livros infantis (HALLEWELL, 2017, p.306).

Embora traduzidas por renomados intelectuais brasileiros, tais publicações ainda estavam alicerçadas em matrizes europeias. A conformação da literatura infantil brasileira somente ocorreria vinculada às mudanças socioculturais e políticas que influenciariam os rumos da nação, entre as décadas finais do século XIX e os primeiros anos do século XX, período marcado pela ocorrência de eventos como a abolição da escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), cujas consequências tiveram reflexos na sociedade.

Camara (2010) salienta que o advento do novo regime político inseriu junto às elites econômicas e intelectuais discursos e ações voltadas à instituição de uma nova ordem social. Compartilhavam da representação de que o Império foi um tempo caracterizado pelo atraso socioeconômico, exclusão política e analfabetismo. De forma contrária, o 15 de novembro era, inicialmente, descrito como um marco da inserção do país no caminho “da ordem e do progresso”. Por essa razão, os republicanos buscavam conceber uma nova identidade nacional que estivesse em consonância com a visão de nação calcada no discurso de modernidade e de civilização. Como descreve Carvalho (2009) era preciso “transportar” a mudança política e administrativa, tornava-se necessário para legitimar o novo regime: a *formação das almas*.

Segundo Hansen (2007), a partir das décadas finais do século XIX, emergiu na sociedade brasileira “um tipo de sensibilidade que colocava a criança no centro das atenções, tanto no âmbito da vida privada como na esfera pública” (p.29). A “criança” era vista como os guardiães do futuro da nação. Contudo, o modelo ideal dessa infância republicana na qual se depositava o futuro, possuía um caráter excludente, constituído pela criança branca, proveniente da família nuclear estruturada e pertencente às classes urbanas mais abastadas.

Essa representação encontrava ressonância no conceito de infância burguesa, em voga na Europa do século XIX, período descrito por Ariés (2006), como *o século das crianças*. Evidenciava-se que as crianças eram indivíduos distintos dos adultos. “Para tudo e contra tudo, a infância se torna a idade fundadora, a criança vira uma pessoa” (PERROT, 2009, p.148). Contudo, ainda que identificadas como tendo um lugar social, as crianças não eram consideradas indivíduos plenos e, por tal razão, precisavam ser guiadas pelos adultos. Nesse sentido, grupos de intelectuais brasileiros entendiam ser preciso cuidar da formação do caráter das crianças burguesas e desenvolver estratégias para que as meninas e os meninos pobres pudessem estar a salvo de ambientes considerados “nefastos”.

Ao mesmo tempo, o atraso na criação de uma literatura infantil nacional também se configurava como uma forma de constatar que a República, sob a perspectiva dos avanços esperados no campo da educação das crianças, não estava cumprindo com as promessas de maior inclusão social, econômica e política. Todavia, para que o cenário de cartão de postal não fosse ofuscado pela desilusão com os rumos da realidade republicana, as elites intelectuais se apropriaram de um discurso civilizatório, voltado tão somente a um projeto prioritário de regeneração da sociedade brasileira. Propunha-se a consolidação de uma nova imagem de cidadão, calcada nos valores burgueses de moralidade e de padrões de comportamento. Os “bons cidadãos” republicanos eram aqueles que aderiam a essa concepção de civilidade compartilhada pelas elites.

O posicionamento de Anália Franco acerca desse contexto foi expresso nas páginas do Álbum das Meninas. Entre os escritos podem ser citados: *13 de Maio* (31/05/1898, p.31-34), *Questões Sociaes* (30/09/1898, p.121-125), *O Nosso Indifferentismo* (30/09/1898, p.126-128), e *15 de Novembro* (30/11/1898, p.174-176).

Nos artigos *13 de Maio* e *15 de Novembro* são feitas reflexões, respectivamente, sobre a primeira década após a abolição da escravatura e os nove anos da Proclamação da República. No primeiro, a educadora descreve às suas leitoras os horrores da escravidão e indaga: “Quereis meninas um quadro desenhado com cores mais vivas sobre o que era a escravidão desde os mais

remotos tempos?” (FRANCO, 31/05/1898, p.32). Como forma de internalizar o sentimento de repulsa, faz referências a como mulheres mimadas e egoístas, privadas de valorosos princípios morais, também tiveram participação contundente na manutenção desse período nefasto: “O mau humor de uma matrona deixava exanime nos braços do acoitador a serva mais valida só porque a ordem de suspender o martyrio lhe interrompia a leitura d’um romance” (FRANCO, 31/05/1898, p.33).

A articulista aponta que “as ideas progressivas e os sentimentos philanthropicos que sempre tiveram no coração dos brasileiros” foram essenciais para as mudanças ocorridas, e, como consequência, “homens illustres, ligaram-se em espírito por uma paixão commum, a da justiça, e da humanidade” (FRANCO, 31/05/1898, p.33). Nessa linha de raciocínio, descreve o processo que acarretou a assinatura da Lei Áurea como “emancipação definitiva e radical dos escravos” e “santa cruzada” (FRANCO, 31/05/1898, p.33).

O artigo *15 de Novembro* começa com referências às supostas transformações sociais trazidas pela democracia e pela liberdade após a Proclamação da República. Para a autora, aquele deveria ser um tempo político marcado pela justiça e pela igualdade. Todavia, Anália Franco classifica tais expectativas, que embora tenham eletrizado “as almas”, como uma falácia, tendo em vista que não lograram ser cumpridas, já que as promessas republicanas não foram realizadas (FRANCO, 30/11/1898, p.174). “Não há paiz onde se falle tanto em riquezas como no Brazil. Entretanto, em nenhum outro é tão difficil a vida e tão incerto o futuro dos cidadãos” (FRANCO, 30/11/1898, p.174-175).

Para Anália Franco (1898), ao invés do tempo do progresso, restou uma época de “corrupção e de falsos prestígios, que quase tem sido só o triumpho da mediocridade, e cujas más influencias parecem tender em toda a parte e paralyzar o character e o talento” (p.175). Acerca da posição feminina na sociedade, a articulista também demonstra decepção, pois a “ideia de trabalho livremente exercido e compensado sem distincção de sexos, nem de posição” não vingou (FRANCO, 30/11/1898, p.175). Segundo ela, somente a instrução de qualidade ofertada às crianças, desde a mais tenra idade, seria capaz de alterar tal cenário.

O editorial *Questões Sociaes* coaduna com o artigo *15 de Novembro*. Anália Franco aborda a desigualdade social pautada no “luxo desenfreado de uns, incrustado na miséria asquerosa de outros” (FRANCO, 30/09/1898, p.121). Defende uma reforma moral, em que o egoísmo, a fome, o tédio e o desespero não poderiam ser a tônica da sociedade brasileira. Para ela seria preciso apostar “na riqueza moral”, na “sympathia social” (FRANCO, 30/09/1898, p.122), e no exercício da “doce e divina virtude do altruismo” (FRANCO, 30/09/1898, p.123). Em *O Nosso Indifferentismo*, as leitoras são advertidas de que as nações só progredem quando embebidas do “progresso e desenvolvimento das luzes” (FRANCO, 30/09/1898, p.126). O aprimoramento intelectual das “heroínas do progresso” é visto como fundamental para a mudança na sociedade brasileira (FRANCO, 30/09/1898, p.128).

A infância e a educação feminina retratadas no Álbum das Meninas demonstram os desencantos que Anália Franco constata e analisa em seu tempo e em seu contexto, buscando, por meio da criação de uma revista, alertar e preparar melhor as mulheres, desde a infância, para que tivessem ideias para além dos resquícios das mazelas do período monárquico, inaugurando, com a República, novas possibilidades de “progresso” para o país.

A Revista Literária e Educativa: originalidade e materialidade

Na obra *Literatura Infantil Brasileira*, Arroyo (1990) dedica um capítulo às origens da *Imprensa Escolar e Infantil* no país. Constata que eram produções reconhecidas pelo viés pedagógico e vinculadas, em sua grande maioria, a instituições escolares primárias e secundárias. Outro aspecto é o fato dos fundadores e redatores atuarem no campo da educação:

[...] os primeiros jornais dedicados às crianças não só despertavam o interesse do pequeno leitor, através do instrumento de cultura que representavam, como também se constituíam como em veículos de galvanizadores de vocação e de discussão de problemas e questões relativas ao aprendizado escolar. Os jornais

infantis marcaram bem determinado período da literatura infantil brasileira. Para a criação de campo propício à sua evolução – sem nunca esquecer aqui a importância fundamental do desenvolvimento da educação e do ensino – para a sua base, se assim nos podemos exprimir, foi a imprensa para crianças e jovens, imprensa não só na forma de jornal, como na forma de revistas (ARROYO, 1990, p.131).

Corroborando a análise do autor, Anália Franco no editorial *As Mães e Educadores* auxilia no entendimento sobre a preferência pela criação de jornais pedagógicos e educativos, ao invés dos livros. Um dos aspectos que determinava essa escolha estava no baixo custo de produção e venda, porque na sociedade brasileira “todos sabem que [...] os livros não se acham ao alcance de todos” (FRANCO, 30/04/1898, p.2). O jornal, de forma oposta, “[...] percorre por toda a parte e penetra tanto no tecto do abastado como no albergue do pobre” (FRANCO, 30/04/1898, p. 2). A temática é retomada no artigo *Educação Femenina*, desta vez, sobre o uso da imprensa como instrumento civilizador:

Se o jornal como se diz, nasceu para levar o recreio e a instrução ao albergue do pobre, e para substituir o livro que as classes menos favorecidas da fortuna não podem comprar, a melhor e mais profícua recommendação de uma empresa jornalística é apresentar ao publico escriptos úteis e amenos, que alarguem a esphera dos nossos conhecimentos e nos encaminhem ao bem (FRANCO, 30/06/1899, n.15, p.341).

Na narrativa *O Jornal*, Anália Franco destaca, ainda, que o número reduzido de páginas, adequava-se perfeitamente, a falta de tempo que as classes laboriosas dispunham para se instruir (FRANCO, 31/10/1898, p.160).

Nas décadas finais do século XIX, a imprensa brasileira se modernizava e as tipografias adquiriam novos maquinários, que permitiam, a menor custo, ampliar a quantidade de exemplares impressos. Dessa forma, cresciam as apostas de que o jornalismo e a imprensa poderiam contribuir firmemente para o “exercício da leitura e das letras” (ELEUTÉRIO, 2015, p.84).

A Revista *Álbum das Meninas* circulou de 30 de abril de 1898 a 1º de outubro de 1901. Possuía uma tiragem de frequência mensal e totalizou 30 edições. Em tese, o público-alvo eram meninas e moças em idade escolar, porque poderiam ler. No entanto, a Revista também buscava a leitora adulta, pois havia textos direcionados às mães e às professoras. Cabe ressaltar que atrair as mães e as professoras era uma forma de chegar às meninas e às moças, considerando que a figura materna é que podia comprar ou ler os conteúdos do *Album das Meninas* para as filhas. Já as professoras poderiam indicar os exemplares para as alunas.

Quanto à materialidade do *Álbum das Meninas*, Chagas (2016) desenvolveu uma ampla pesquisa sobre sua formatação e publicação. No estudo concluiu que os recursos gráficos não observavam, em muitos momentos, a continuidade. Tal situação poderia estar vinculada ao fato de as edições terem sido impressas por diferentes tipografias paulistas: “A Tipografia King publicou os números 14, 15, 16 e 17; a Tipografia Espírita publicou apenas o número 20; e a Tipografia Andrade & Mello publicou os números 24, 27, 28, 29 e 30 do periódico” (CHAGAS, 2016, p.50). A pouca padronização também atingia as capas, o cabeçalho, os tipos das fontes, as ornamentações e as raras imagens presentes na folha de rosto da Revista. Chagas (2016) relata, por exemplo, ter identificado pelo menos três modelos distintos de capas:

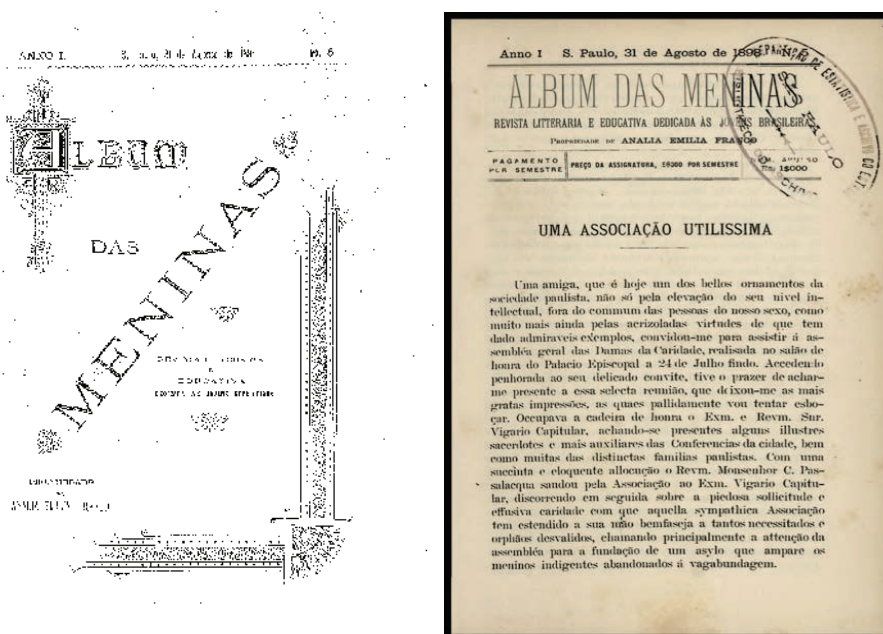
Conjectura-se que todas as edições da revista possuam capas, visto que a capa de uma revista é uma importante marca social. Nas capas do *Álbum das Meninas* se localiza o nome da revista em letra de imprensa, seguido da referência

de propriedade, o ano da revista, a cidade de publicação, o dia/mês/ano, número sequencial do exemplar, endereço de produção, nome da tipografia e endereço – quando há. Não há descrição de autoria nas imagens ou nas decorações (p.49).

Acerca das poucas imagens e recursos gráficos, a publicação não primava pela modernidade dos impressos, que marcaria as obras infantis, a partir do lançamento de *O Tico-Tico*

No processo de leitura e análise do acervo do Álbum das Meninas é notada a diferença na preservação/formatação dos exemplares disponíveis no Arquivo Público do Estado de São Paulo, daquele que se encontra no *site da web História da Educação e da Infância*, coordenado pelo professor Moysés Kuhlmann Jr. Os 20 números do repositório digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo não trazem as capas citadas por Chagas (2016), ao contrário das 25 edições disponibilizadas no *site História da Educação e da Infância*, que apresentam esse complemento. As Figuras 1 e 2, a seguir, exibem essa distinção:

Figura 2 - Álbum das Meninas n.5 - Ano I - 31/08/1898



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Em termos do quantitativo de páginas é identificada a ocorrência de variações. Inicialmente, a publicação tinha uma média de 24 páginas (com capa e contracapa, chegando a 26 folhas); a partir da edição 18 (01/08/1900), a quantidade de folhas diminui para uma média de 16 páginas (com capa e contracapa, chegando a 18 folhas).

Acerca da paginação, as edições do Álbum das Meninas eram, nos primeiros exemplares, numeradas de forma contínua. Essa ordenação se manteve da edição 1(30/04/1898) até a 17 (31/08/1899), com páginas numeradas de 1 a 417. A opção pela paginação continuada, poderia estar relacionada ao título da publicação. A palavra Álbum é entendida como “livro de folhas de cartolina ou de papel forte, onde se colam fotografias selos, recortes etc.” ou “livro em branco para autógrafos, versos pensamentos etc.” (FERREIRA, 2008, p.106). Seguindo por essa perspectiva, os conteúdos do impresso poderiam ser colecionáveis. No entanto, ocorre novamente uma alteração a partir do número 18 (01/08/1900): a cada edição, as páginas passaram a recomençar sempre do número 1.

As informações sobre a precificação do Álbum das Meninas, presentes no cabeçalho da Revista, indicam que a edição inaugural poderia ser adquirida de forma avulsa por 1\$000 (um mil

réis) ou via assinatura anual de 10\$000 (dez mil réis) (30/04/1898). O segundo número trouxe uma modificação na opção de pagamento da assinatura que passou a ser também semestral, com cada parcela ao custo de 5\$000 (cinco mil réis). Desde a quarta edição, disponível no acervo do site *História da Educação e da Infância*, a última folha da publicação passou a trazer a indicação de que as edições do *Álbum das Meninas* seriam distribuídas gratuitamente para as alunas das escolas públicas paulistas (31/07/1898, p.26). Posteriormente, essa mesma informação passou a constar no cabeçalho de alguns exemplares do *Álbum das Meninas*, como por exemplo, na edição 19 (01/09/1900, p.1)¹.

A formatação interna, ou seja, o miolo da Revista, era preenchido por diferentes conteúdos, organizados em diversos formatos que, em suas páginas, abordavam valores morais e educativos, com base em distintas matrizes narrativas. A Revista *Álbum das Meninas* tinha poucas seções fixas, mas, entre elas, cabe destacar os *editoriais* ou *artigos de abertura*, normalmente escritos pela editora Anália Franco, que também escrevia em outras seções da Revista. O Quadro 1, a seguir, apresenta os artigos escritos por Anália Franco ao longo das 30 edições.

Quadro 1 - Escritos de Anália Franco na Revista *Álbum das Meninas*

Ano	Edição (data)	Título (Página)
1	1 (30/04/1898)	As Mães e Educadores (1-3), O Lyceu Salesiano (5-9), Uma Vida Modelo (9-11) A Mãe Virtuosa (15-16), A Caridade (17-18), Os Crusadas (narrativas para as creanças) (21-23), Notas Uteis (24)
	2 (30/04/1898)	Maria Santissima (25-28), A Instrução Obrigatória (28-31), 13 de maio (31-34), Intuição Moral (36-39), Educação Maternal (39-41), Uma Vida Modelo (43-46), A Filha Adoptiva (46-47), À Imprensa Paulista (48)
	3 (30/06/1898)	Educação Physica (49-52), Os Pobres (52-55), Uma Vida Modelo (63-64), A Filha Adoptiva (69-72), Notas Uteis (72)
	4 (31/07/1898)	As Minhas Patricias (73-76), As Crèches (77-79), Nossa Apathia Intellectual (81-85), Uma Saudade (89-91), Uma Vida Modelo (93-94), A Filha Adoptiva (94-96), Notas Uteis (96).
	5 (31/08/1898)	Uma associação utilissima (97-100), A Iniciativa (103-105), Uma Vida Modelo (113-114), A Filha Adoptiva (114-120), Notas Uteis (120)
	6 (30/09/1898)	Questões Sociaes (121-125), O Nosso Indifferentismo (126-128), Os Filhos (130-133), A Mãe de Ouro (136-139), Uma Vida Modelo (139-141), A Filha adoptiva (141-144), Notas Uteis (144)
	7 (31/10/1898)	Notas sobre Educação (145-149), A Lei do Trabalho (156-158), O Jornal (160-161), Uma Vida Modelo (161-163), A Filha Adoptiva (163-168), Notas Uteis (168).
	8 (30/11/1898)	O Ensino Complementar e Profissional da Mulher (169-174), 15 de Novembro (174-176), O Canoeiro (180-186), Miséria e Fé (187-189), O Orphãosinho (189-191), Uma Vida Modelo (191-192)
	9 (30/12/1898)	O Ensino Complementar e Profissional da Mulher (193-198), Impressões do Natal (198-200), A Cruz do Arroio (200-205), Contos Populares (205-207), D. Constantino (207-217), Uma Vida Modelo (218-220), Notas Uteis (220).

¹ Sobre a lista de escolas públicas femininas que poderiam ter recebido exemplares do *Álbum das Meninas*, consultar: CHAGAS, Floriza Garcia. *Álbum das Meninas*, Revista Literária e Educativa Dedicada às Jovens Brasileiras: um estudo de um impresso de Anália Franco (1898-1901). 2016. 187f. Dissertação (Mestrado em Educação). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos. 2016. p.57 – 59.

2	1	0	Instrução Popular (221-224), O Dia de Anno Bom (224-227), Uma Vida Modelo (233-235), Inesilia (235-237), O Engeitadinho (239-240)
	1	1	Notas sobre a Educação Feminina (245-248), As Filhas do Mal (248-251), Um Lar Feliz (257-259), Uma Vida Modelo (261-263), Inesilia (263-268)
	1	2	Notas sobre a Educação Feminina (269-271), Impressões de M. Boy (277-279), Uma vida modelo (279-281), Inesilia (281-290), A Doida (290-292)
	1	3	Os Grandes Pensadores (293-297), A Mulher e sua Educação (301-303), A's Mães (303-305), Idílio Agreste (307-313), Uma Vida Modelo (313-315)
	1	4	A Nossa Educação (317-320), Uma Vida Modelo (327-329), Idílio Agreste (330-333), A Sempre Viva (333-337)
	1	5	A Educação Femenina (341-344), Um Suicida (350-354), Uma Vida Modelo (359), Malvina (362-364)
	1	6	Conflictos Modernos (365-368), Malvina (374-377), A Borda do Abysmo (378-381), Uma Vida Modelo (383-386), Uma Reminiscencia (386-388)
	1	7	A'S Mães e Professoras (389-394), Um Romance (398-400), A Cretina (404-409), Um Vida Modelo (409-411), Uma Reminiscencia (411-412)
3	1	8	A'S Mães e Professoras (1-4), As Prelecções de Jesus (4-7), Celina (Contos para Creanças) (7-10), A Agonia de Jesus (10-13), As Ruinas (13-16)
	1	9	As Prelecções de Jesus (1-7), Um Vida Modelo (7-10), As Ruinas (14-17)
	2	0	As Prelecções de Jesus (1-6), As Duas Irmãs (11-14), Um Vida Modelo (14-16)
	2	4	A Nossa Apathia Mental (1-4), A Égide Materna Romance de Costumes (5-18)
	2	7	Um Vida Modelo (1-4), A Égide Materna Romance de Costumes (5-16)
	2	8	Educação Feminina (1-4), A Égide Materna Romance de Costumes (5-14)
	2	9	A Égide Materna Romance de Costumes (1-12)
	3	0	A Égide Materna Romance de Costumes (9-16)

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras.

As demais páginas da Revista eram preenchidas por poemas, versos, contos, narrativas edificantes e religiosas, além de pequenas citações. Algumas narrativas eram divididas por capítulos, publicados em várias edições, com um formato semelhante ao dos folhetins². Além de Anália Franco, outros escritores, intelectuais, jornalistas, professores e literatos renomados, incluindo algumas mulheres, atuaram como colaboradores, escrevendo na Revista *Álbum das Meninas*. No Quadro 2, a seguir, pode-se visualizar os colaboradores e os artigos publicados.

² O folhetim instituiu novos padrões de leitura com a narrativa fragmentada, dividida em capítulos, sendo capaz de despertar em seus leitores a sensação do suspense e a curiosidade sobre o que estava por vir. Inicialmente, era publicado na parte inferior das páginas do jornal. Esse era um espaço destinado a publicação de notícias amenas como críticas literárias, resenhas de peças, receitas culinárias e resultados das corridas de cavalos. Posteriormente, o folhetim se tornou sinônimo de leitura feminina. Sobre o folhetim, consultar: OLIVEIRA, Cláudia de. Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado. In: KNAUSS, P. et.al (Org.). *Revistas Ilustradas: modelos de ler e ver no Segundo Império*. Rio de Janeiro: MAUAD X; FAPERJ, 2011.p.157 -172.

Quadro 2 – Escritos dos colaboradores de Anália Franco no *Álbum das Meninas*

Ano	Edição (data)	Autor, Título (Página)
1	1 (30/04/1980)	Nansen , Uma noite Arctica (4); A. Pittoresco , Sentimento do Bello (11-12); Elisa de Mattos , Lagrimas (12); D. A. Costa , O Filho Pródigo (13-15); A. E. Pittoresca , As Creanças (17); A. Martin, Sem Título (18); Maria Amalia , Sem Título (18); Sem autoria , O Aceio (18); Zalina Rolim , Prece (19); Amelia Janny , O Laço da Virgem (20); Ferdinand Diniz , Bahia de Todos os Santos (21); A. E. Pittoresca , O Amor da Pátria (24)
	2 (31/05/1898)	Maria Candida Pereira de Vasconcelos , Salve (34); D. Antonio Costa , A Arrependida (35-36); Daniella , Noite de Luar (42); N. N. , Nosso Destino (42-43); Sem autoria , A Imprensa Paulista (48)
	3 (30/06/1898)	Alves Mendes , A Família (55-56); Pelletan , Sem título (56); D. Antonio Costa , Ensino Profissional (57-58); A. E. Pittoresca , O Privilégio de San-Remo (58-60); Ismael de Souza Traduzido por um inteligente menino de dez anos N. R. , O Mendigo (60-61); D. A. Pittoresca , A Mulher Scandinava (61-63); Renan , Sem título (63); Amélia Janny , As Creanças (65-66); Um Juiz Às Direitas , Sem Título (66-67); A Herança do Nosso Pae , Sem Título (67-68); Julia Gusmão , De Jeanne Thilde (68)
	4 (31/07/1898)	Alves Mendes , Caridade (80-81); Clorinda de Macedo , A Creche (86); D. Antonio Costa , A Instrução Popular (86-88); Alves Mendes , A Guerra (88-89); D. Antonio Costa , Iniciativa das Associações Geraes – Crèches (91-93)
	5 (31/08/1898)	A. Costa , O Divorcio (100-102); Julia de Gusmão , Dizem (103); D. Antonio Costa , Iniciativa das Associações Geraes Creches (105-108); Maria Amalia , Sem título (108); J.G. , O Peixe (109); Maria Amalia , Sem título (109); Dr. Almeida de Oliveira , O Ensino Público (110-111); C. Mariano Froes , O Fim do Mundo (112-113)
	6 (30/09/1898)	Albertina Paraizo , N’um sarau (128); Antonio Candido , Victor Hugo (129-130); Dr. Caetano de Moura , A Lagoa Sancta (133-134); E. Pittoresca , Lenda da Ponte de S. Martinho (134-136)
	7 (31/10/1898)	Olympio catão , Uma Combatente (149-150); Coelho Netto , A Tristeza de Hoffmann (151-154); Maria do Carmo Sene d’Andrade , Saudades (155); Amélia Rodrigues , O Vagabundo (156); D. Antonio Costa , O Jogo (158-160)
	8 (30/11/1898)	Alves Mendes , A Immortalidade da Alma (177-178); Sem autoria , Os Sinos (179); Francisca Clotilde , Mãe (179)
	9 (30/12/1898)	José Bonifácio , A um Jovem Poeta (205)

2	10 (30/01/1899)	Bernardo Lucas , Os Berços (227); Alves Lemes , O Atheismo (228-229); Sem autoria , Canção (230); Julieta Monteiro , Sogras e Madrastras (230-233); Maria Amalia , Saber bem doutrina (233); Victor Hugo , Conto para crianças Torre dos Ratos (238-239); Carolina Von Koeseritz , A Vingança das Flores (Imitação de Feiligrath) (241-243); Maria Zalina Rolim , Lagrimas Bemdictas (244); D. Isabel Ferreira , Adoração (A' minha extremosa amiga D. Maria José de Mello) (244)
	11 (28/02/1899)	Anna Bittencourt , O Romance (251-257); Eliza A. , A Virgem Morta (259-260); Albertina Paraizo , Les Imperatrices Ao Sr. Maxime Formot, agradecendo o seu livro assim intitulado (260)
	12 (31/03/1899)	Maria j, Canuto , Ecce Homo! (271-273); Virginia Vieira da Costa , A Sempre-Viva (273); Emílio Castelar , A Mulher (274-276); Maria Feio , Caridade (276)
	13 (30/04/1899)	M. Pinheiro Chagas , As Francezas Celebres (298-299); Ernestina Fagundes Varella , Oração (300); Antonio Dantas Barbosa , A um Passarinho (306); Delminda Silveira de Souza , O Primeiro Sorriso (316)
	14 (31/05/1899)	Mlle. Rennotte , Mulher e Liberdade (320-324); Adelina Amelia Lopes Vieira , Stella Matutina (325); Maria Conceição Flaquer , A mulher e o poeta (326-327); Mariana Eduarda , A Infancia (338); Lucinda de Andrade , O Orphão (339); Preciliana Duarte , A Saudade (340)
	15 (30/06/1899)	Uma Educanda Recem-casada , Chronica (344-348); Mariana d' Andrade , As Estrellas (349); Maria Adelaide , Em Sexta-Feira Santa (360); Fichte , Destino do Homem (361-362)
	16 (31/07/1899)	Um Escriptor , Prophecias (369-371); C. Maxima de Figueiredo , Vêde as Flores (371); Alves Mendes , Religião (372-373); José Rodrigues de Carvalho , Vozes D'Alma (373- 374); Maria Freitas , O Passado (381-382)
17 (31/08/1899)	Alves Mendes , O Mar (395-397); D. Luiza Amelia , Gentil (397); De Puchesse , O Soffrimento (401- 403); M. R. Garcia Junior , Minha Irmã (403)	
3	18 (01/08/1900)	Chryissus , Phases da Vida (16)
	19 (01/09/1900)	Maria Jorandes , Tres Flores (10)
	20 (01/10/1900)	Maria A. Vaz de Carvalho , As Creanças (10-14); D'A Ordem - Bahia , A Instrucção (6-8); Nemo de Ninguém , A Flor (8); Maria Amelia de Queiroz , A Verdadeira Glória (Conto Infantil) (9-11)
	27 (01/07/1901)	Guiomar Torrezão , Versos – A Cezar de Lemos (16)
	28 (01/08/1901)	Ignez Sabino , Na Escola (15); Goethe , Préce de Margarida (16)
	29 (01/09/1901)	N.R. , Uma Vida Modelo (12-16)
30 (01/10/1901)	Tullio de Campos , Cantos da Montanha Veros de Servulo Gonçalves (1-3); Mares de Souza , Queixumes da Orphã (4); Ignez Sabino , Cartas Maternas Á mocidade Paulista (5); Ignez Sabino , Carta I (6-8); Mares de Souza , Chromo (8)	

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras.

De acordo com as informações dos próprios exemplares, o local de elaboração da Revista também passou por mudanças. A maior parte dos exemplares trazia como referência o Largo do Arouche, porém são identificadas duas numerações distintas: 48 (ÁLBUM DAS MENINAS, 31/05/1898, n.2, p.1) e 58 (ÁLBUM DAS MENINAS, 31/05/1898, p.1). Pode-se inferir a ocorrência de um erro na digitação, em relação ao número 48, porque a numeração 58 remetia a 8ª Escola Pública Feminina de São Paulo, local em que Anália Franco atuou como professora.

Algumas edições traziam, ainda, a indicação de que quaisquer reclamações deveriam ser enviadas para a sede da Revista. Sobre essa questão também há dados conflitantes nos diferentes exemplares: “Todas as reclamações relativas a esta revista devem ser dirigidas a rua S. João n. 160” (ÁLBUM DAS MENINAS, 30/09/1898, p.144) e, dois exemplares, a seguir, já há outra informação: “Todas as reclamações relativas a esta ‘Revista’ devem ser dirigidas ao Largo do Arouche n. 58” (ÁLBUM DAS MENINAS, 30/11/1898, p.192).

Conteúdos dedicados às mocinhas brasileiras: ensaios de educação feminina

Os exemplares do Álbum das Meninas trazem as marcas da intencionalidade de Anália Franco em elaborar uma narrativa a ser consumida pelas jovens leitoras³, imbuída em evitar a chamada “proliferação das leituras incontroladas” (CHARTIER, 1999, p.110) e impedir que elas fizessem “más escolhas”. A própria editora, cuidadosamente, escolhia os conteúdos que deveriam cumprir a missão de educar a mulher, tarefa que julgava constantemente negligenciada pelos governos, pela sociedade e pelas famílias, conforme descrito no artigo *Os Grandes Pensadores*:

No seu constante anhelar de tudo saber, a mocidade atirou-se desnorteada a todas as leituras perigosas que os jornaes baratos proporcionam aos seus leitores, como único alimento inrelectual, e em vez de encontrarem os sentimentos que mais altos cabem na natureza humana, o heroísmo, o devotamento a ternura, o amor acrisolado, a valentia do animo, só n’ellas acharam tudo o que era mais próprio a pervertel-a [...] (FRANCO, 30/04/1899, p.294-295).

O embate entre *conteúdos interessados* e *desinteressados* foi expresso em um artigo constante do *Álbum das Meninas* intitulado de *Chronica*. O texto, publicado em 30 de junho de 1899, é assinado por *uma educanda recém-casada*. Magoada, ela relata ter seguido “na cegueira fanática” os conselhos da *Chronica* (p.344). Diante deles, arrependeu-se por sua formação intelectual ter sido condicionada aos gostos do marido; um homem não afeito às letras. Na casa não havia biblioteca. Não podia consultar os livros de química para auxiliar nos afazeres da cozinha. Não conseguia conversar com o esposo – sobre o *Manual das Mães* de Pestalozzi, *A Educação* de Spencer ou a *Reforma da Educação* de T. Wyse – porque o mesmo só repetia frases feitas publicadas nos folhetins.

Chronica evidencia as questões sobre o modelo formativo presente no Álbum das Meninas. Entre os princípios basilares da publicação estava a defesa da educação feminina⁴. Era preciso superar um modelo instrucional forjado na má qualidade oferecida e na exclusão.

Os escritos de Anália Franco apontavam a necessidade da sociedade brasileira se preocupar com o futuro das mulheres pobres, sozinhas (viúvas, solteiras ou abandonada) e “[...] das filhas dos

3 A ratificação desse papel de guardiã da formação feminina pode ser notado pelos elogios que a Revista recebeu após o seu lançamento. Na segunda edição de Álbum das Meninas (31/05/1898, p.48), foi publicada por Anália Franco a seção À Imprensa Paulista, na qual agradecia as menções que a Revista recebeu nos principais jornais paulistas da época.

4 A preocupação de Anália Franco em dialogar com os referenciais pedagógicos, principalmente, na Europa, resultou na seção Notas Uteis. Nesse espaço eram relatadas iniciativas bem sucedidas na educação feminina. A seção pode ser consultada nas edições: 1,3,4,5, 6, 7 e 9.

proletários, daquellas emfim que freqüentam as nossas escolas publicas” (FRANCO, 30/11/1898, p.170). A educadora identificava a existência de padrões diferenciados entre às “mulheres do lar” e “mulheres que sustentam o lar”. Aquelas que podiam desfrutar da “[...] doce e tranquilla beatitude do lar”, deveriam estar preparadas para quando isso não mais lhes pertencesse (FRANCO, 30/11/1898, p.170). Defendia uma formação que lhes auxiliasse na busca por trabalho e renda. Para Anália Franco, na trajetória das mulheres, a manutenção da harmonia familiar incluía sua contribuição financeira. Pois “[...] muitas vezes só o trabalho do homem não basta para proporcionar á familia todas as commodidades, [...] as superfluidades que um luxo requintado vae introduzindo nos nossos costumes” (FRANCO, 30/11/1898, p.169).

Os ensinamentos propalados por Anália Franco envolviam a superação da visão das mulheres como indivíduos “[...] passivos, inhabeis e inconscientes e por isso mesmo tanta vez incoherentes no seu proceder (FRANCO, 30/11/1898, p.171). O caminho para tal mudança era a educação. Ela acusava às famílias, principalmente os pais, de tolher o direito das filhas à educação em prol da busca “atabalhada” pelo casamento. Tecia criticas aos modelos e às reformas escolares que continuavam a cercear o acesso feminino ao conhecimento e defendia um currículo sem a distinção entre conhecimentos masculino e feminino. “O sexo feminino necessita de tanta instrucção como o seu companheiro, e á maioria se lhe sonega igual bem, o que é uma usurpação” (FRANCO, 01/10/1900, p.2). Em *A nossa Apathia Mental* culpou a sociedade por nada fazer para aplacar a “preguiça mental” do sexo feminino (FRANCO, 01/04/1901, p.2). Para ela, a separação entre a mulher e a cultura letrada impedia a emergência dos “raros talentos femininos que se animaram a affrôntar a barreira tenaz dos nossos preconceitos tradicionais” (FRANCO, 01/04/1901, p.2).

Duarte (2016) e Martins (2008) sinalizam que *Álbum das Meninas*, mesmo na dianteira da causa escolar feminina, era um impresso de cunho conservador. Sua linha editorial defendia a instrução como forma de engajamento, e não de rompimento das estruturas sociais e de gênero já existentes.

O posicionamento de Anália Franco encontra paralelo na atuação de outras intelectuais femininas do século XIX. No artigo *Ensinamentos e contos: Maria Amália Vaz de Carvalho e sua estratégia para a educação da mulher*, Vasconcelos (2020) demonstra que a portuguesa Maria Amália, assim com a educadora brasileira, considerava a educação feminina como ferramenta de aperfeiçoamento das funções de **mãe e esposa**. O fato de ser uma mulher instruída “[...] não poderia afastá-la dos seus deveres da casa e da maternidade, que englobavam ser a enfermeira dos doentes da família, a administradora dos gêneros e suprimentos, a vigilante do asseio de todos [...]” (p.1523). Ambas apontavam que a educação feminina, simplória e fútil, tinha que ser drasticamente modificada.

A verdadeira instrução tinha que preparar o sexo feminino para o cumprimento de seu papel para com “a família e a pátria”. A formação da mulher era de caráter utilitário (PATROCLO, 2019). No artigo *O Amor da Pátria*, a Revista *Álbum das Meninas* ressalta essa perspectiva ao definir que “meninas, não sois ainda cidadãs, mas desde pequenas deveis amar, honrar e servir a vossa pátria, que é o paiz onde nascestes” (PITTORESCA, 30/04/1898, p.24). Em *Álbum das Meninas*, a cidadania feminina plena estava condicionada a maternidade. *A Mãe Virtuosa* e *A Mãe de Ouro* são alguns títulos, publicados na Revista, que fazem deferência à figura materna, marcada pelos estigmas da caridade, da bondade, da abnegação e do amor.

E effectivamente o amor é o único e eterno fundamento da educação; por isso é a mãe quem primeiro deve começar a educação dos filhos, porque os nossos sentimentos mais perduraveis são aquelles que recebemos ainda no berço entre as meigas caricias de nossas mães. A mulher assumindo o sagrado titulo de mãe, necessariamente ha de exercer uma influencia poderosa sobre os destinos da família, e é ella quem tem de implantar no coração dos seus filhos, com a mesma feição característica as idéias e conhecimentos que lhe foram incutidas. E se ella tiver as luzes precisas, podemos estar *ÁLBUM DAS MENINAS* certa de que a voz da virtude e da sciencia dimanada dos lábios de uma mãe, ha de

gravar-se mais intimamente no coração dos filhos (FRANCO, 01/08/1900, p.1-2).

A mãe era a figura primordial na formação dos futuros cidadãos brasileiros. O acesso à educação, desde a tenra idade, permitiria à mulher se preparar para o exercício da “maternidade científica e patriótica”. Tal dimensão é constantemente afirmada e reafirmada nas referências sobre a situação dos órfãos. Os versos *Queixumes da Orphã* (p.4) e *Chromo* (p.8), ambos com a autoria de Mares de Souza, publicadas em 1 de outubro de 1901, traziam como mote principal, a tristeza causada pela morte da mãe e o comprometimento da formação em razão da perda materna. Como não poderia deixar de ser, a figura de Maria, mãe de Jesus, é constantemente evocada como o exemplo maternal e feminino a ser seguido.

Louro (2018) e Almeida (2007) ressaltam que tais representações condizem com as influências do catolicismo e do positivismo naquele período. Embora a Constituição de 1891 tenha separado Estado e Igreja Católica, a influência da religiosidade na conformação dos hábitos e comportamentos, principalmente femininos, ainda era pungente. Da mesma forma, os princípios positivistas também ressoavam nas elites brasileiras, defendendo a pauta da mulher como a primeira mestra dos filhos e filhas, bem como de estar apta a cumprir a missão de transmitir os valores morais, considerados caros à sociedade brasileira.

Considerações Finais

Álbum das Meninas se configurou como mais do que uma iniciativa para suprir a má qualidade da educação oferecida às meninas e às moças brasileiras. Apesar de estar entre as publicações pioneiras no tema, não trouxe recursos gráficos inovadores, pois talvez não fosse a intenção de sua fundadora. A Revista se destacava não apenas por ter direcionado preocupações e esforços para a instrução de meninas e moças antes do matrimônio e da maternidade, mas por ir além, com seus conteúdos inseridos dentro de uma proposta educacional de instruir corretamente o sexo feminino.

Chancelada pela professora e filantropa Anália Franco, as famílias e as leitoras do *Álbum das Meninas* sentiam segurança nos seus aconselhamentos e podiam ter a confiança de que seguiam pelo caminho correto de preparação das crianças e das jovens para a vida adulta. A Revista trazia, como marca de seu tempo e característica de estilo de outras autoras do mesmo período, uma espécie de pensamento dicotômico, no qual a instrução deveria ser um fator emancipatório da mulher, mas, ao mesmo tempo, de aprimoramento dos papéis sociais de irmã, filha, mãe e esposa.

Referências

ÁLBUM DAS MENINAS. São Paulo. Exemplares de 30 de abril de 1898 a 01 de outubro de 1901.

ALMEIDA, J. S. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* Campinas – SP: Autores Associados; São Bernardo – SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

ÁLVAREZ DOMÍNGUEZ, P.; MARTÍNEZ-VALCÁRCEL, N.; GARCÍA-MARÍN, R. El patrimonio cultural en los recuerdos del alumnado al finalizar el Bachillerato en España: educación e identidad patrimonial. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 22, p.198-235, set./dez. 2017. Disponível em: [10.5965/2175180309222017198](http://dx.doi.org/10.5965/2175180309222017198)<http://dx.doi.org/10.5965/21751803092220171981>. Acesso em: 27.nov.2020.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ARROYO, L. *Literatura Infantil Brasileira*. 10.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BRASIL. **Decreto nº 1.331-A, 17 de fevereiro de 1854**. Aprova o Regulamento para reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte. Disponível em: <https://www2.camara.leg>

br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html. Acesso em: 27.nov.2020.

CAMARA, S. **Sob a Guarda da República**: a infância minorizada no Rio de Janeiro da década de 1920. Rio de Janeiro: Quarter, 2010.

CARVALHO, J. M. de. **Formação das Almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHAGAS, F. G. **Álbum das Meninas, Revista Literária e Educativa Dedicada às Jovens Brasileiras**: um estudo de um impresso de Anália Franco (1898-1901).2016.187f. Dissertação (Mestrado em Educação). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos. 2016.

CHALHOUB, S. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. 5ª reimpr. São Paulo: Unesp, 1999.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo. Exemplares de 1 de agosto de 1874 a 25 de janeiro de 1902.

D. ANALIA FRANCO. **Correio Paulistano**. São Paulo, 21 de janeiro de 1898.

DIÁRIO DE SÃO PAULO. São Paulo, 8 de março de 1877.

DUARTE, C. L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: século XIX. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ELEUTÉRIO, M. L. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed., 3.reimpr. São Paulo: Contexto, 2015, p.83-130.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio**. 7.ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FRANCO, A. E. A nossa Apathia Mental. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 01 de abril de 1901, p.1-4.

FRANCO, A. E. As preleções de Jesus. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 01 de outubro de 1900, p.1-6.

FRANCO, A. E. A's Mães e Professoras. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 01 de agosto de 1900, p.1-4.

FRANCO, A. E. Um Romance. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 31 de agosto de 1899, p.398-400.

FRANCO, A. E. Os Grandes Pensadores. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 30 de abril de 1899, p.294-295.

FRANCO, A. E. Educação Femenina. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 30 de julho de 1899, p.341-344.

FRANCO, A. E. 15 de Novembro. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 30 de novembro de 1898, p.174-176.

FRANCO, A. E. O ensino complementar e profissional da mulher. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 30 de novembro de 1898, p.169-174.

FRANCO, A. E. O Jornal. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 31 de outubro de 1898, p.160-161.

FRANCO, A. E. Questões Sociaes. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 30 de setembro de 1898, p.121-125.

- FRANCO, A. E. O Nosso Indifferentismo. **Álbum das Meninas**. São Paulo, p.126-128.
- FRANCO, A. E. As Minhas Patrícias. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 31 de julho de 1898, p.73-76.
- FRANCO, A. E. 13 de Maio. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 31 de maio de 1898, p.31-34.
- FRANCO, A. E. As Mães e Educadores. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 30 abr.1898, p.1-3.
- GOMES, Â. M. de C.; HANSEN, P. S. (Org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2016. (Apresentação).
- HALLEWELL, L. **O Livro no Brasil: sua história**. Tradução de: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3.ed. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.
- HANSEN, P.S. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**, 2007. 253 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (Org.); BASSANEZI, C. (Coord. de texto). **História das mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2018, p.443-481.
- MARTINS, A. L. **Revista em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.
- MONTEIRO, E. C. **Anália Franco: a grande dama da educação brasileira**. São Paulo: Eldorado Espírita, 1992.
- OLIVEIRA, C. de. Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado. In: KNAUSS, P. et. al (Org.). **Revistas Ilustradas: modelos de ler e ver no Segundo Império**. Rio de Janeiro: MAUAD X; FAPERJ, 2011, p.157 -172.
- PATROCLO, L. B. As mães de famílias futuras: a Revista o Tico-Tico e a formação das meninas brasileiras (1905-1925). **Cadernos de História da Educação**, v.18, n.3, p. 731-748, Set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v18n3-2019-9>. Acesso em: 27.nov.2020.
- PERROT, M. Figuras e papéis. In: PERROT, M. (Org.). **História da vida privada: da Revolução Industrial à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.107-168.
- PITTORESCA, A. E. O Amor da Patria. **Álbum das Meninas**. São Paulo, 30 de abril de 1898, p.24.
- REZZUTTI, P. **Mulheres do Brasil: a história não contada**. Rio de Janeiro: Leya, 2018.
- ROSA, Z. de P. **O Tico-Tico: meio século de ação recreativa de pedagógica**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- SÃO PAULO. Lei n.9, de 22 de março de 1874. Estabelece o ensino obrigatório na província de São Paulo. Disponibilidade em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1874/lei-9-22.03.1874.html>. Acesso em 27.nov.2020.
- SILVA, M. C. da; PINTO, M. S. Discursos em disputa sobre a Bibliotheca Infantil em O Paiz (1894-1899). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 47, p. 221-243, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2018v56n47ID14005>. Acesso em: 27.nov.2020.

VASCONCELOS, M. C. C. Ensinamentos e contos: Maria Amália Vaz de Carvalho e sua estratégia para a educação da mulher. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 20, n. 67, nov, 2020. Disponibilidade em: <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.20.067.DS02> Acesso em: 12.nov.2020.

VASCONCELOS, M. C. C. A educação feminina no Brasil oitocentista: a mãe e mestra. **Gênero**, v. 11, 2010, p. 78-96.

VELLOSO, M. P. Percepções do moderno: as revistas do Rio de Janeiro. In: NEVES, L. M. B. P. das; MOREL, M.; FERREIRA, T. M. B. da C. (Org.). **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, 2006, p.312-331.

VENÂNCIO JUNIOR, A. L., & MIGNOT, A. C. V. O Pandemônio de 1918. **Revista Educação Em Questão**, 58 (58). 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2020v58n58ID21540> Acesso em: 17.nov.2020.

Recebido em 09 de dezembro de 2020.
Aceito em 18 de fevereiro de 2021.